

NO VALE DAS LÁGRIMAS

ISABEL MORUJÃO*

*For others too can see, or sleep,
But only human eyes can weep.*

Andrew Marvell

O volume de textos que agora se edita constitui, em Portugal, a primeira aproximação multidisciplinar à questão das lágrimas, nos seus variados contextos: artísticos, emocionais, religiosos e históricos. Não se pretendeu, com esta abordagem, abrir mais um capítulo na história das lágrimas, embora, nos textos que se seguem, se reflita sobre lágrimas de todos os tempos, desde o Antigo Egipto, o Antigo Testamento e a Grécia Antiga até à contemporaneidade. Como o título do livro indica, trata-se de uma tentativa de entender as lágrimas a partir de áreas disciplinares e artísticas diversas, como a filosofia, a história da arte, a literatura, o teatro, a cinematografia, a pintura, a música, a mística, a teologia, a museologia e a psicanálise. Destes vários olhares cruzados que aqui se reúnem sobre as lágrimas em geral — e as lágrimas femininas em particular — ressalta um maior entendimento do ser humano e da sua representação em contexto das circunstâncias mais avassaladoras ou dolorosas, mas igualmente das mais felizes, iluminadoras e epifânicas.

Não há muitos estudos atuais dedicados ao tema das lágrimas¹, que, no entanto, são signos não verbais de clara importância na comunicação de mensagens voluntárias e/ou involuntárias. Ainda que às vezes sejam acompanhadas de discursos verbais que as referem, convocam ou explicam, as lágrimas têm um processo significativo complexo, instituindo-se muitas vezes como símbolos, sinédoques ou metonímias de algo que as transcende. Suscitadas por um só facto particular ou por um conjunto deles, elas constituem, igualmente, um fenómeno cultural com os seus códigos próprios, sem a compreensão dos quais não se alcança o seu significado ou a necessidade que as fez brotar. Este livro é, pois, um percurso pela complexidade das formas e contextos das lágrimas, um ensaio para a sua acessibilidade e para o entendimento da sua significação, a suscitar reflexões posteriores a partir de um olhar sobre os tantos autores, textos e práticas que significativamente as referem e presentificam.

* Universidade do Porto. CITCEM.

¹ Registo, no entanto, o interessante volume editado por Elina Gertsman, *Crying in the Middle Ages. Tears of History*. Nova Iorque: Routledge, 2012, centrado totalmente no discurso visual, teológico e literário das lágrimas no espaço medieval. E a investigação sobre o sentido das lágrimas na época barroca, levada a cabo por Jean-Loup Charvet, prematuramente falecido em 1998, publicada postumamente como *L'Éloquence des Larmes*. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

A delimitação do campo observado às lágrimas femininas resulta do interesse que as editoras deste volume dedicam à história das mulheres na arte e às mulheres artistas. Ora, desde muito cedo se pensou que as lágrimas poderiam definir física e emocionalmente a mulher. Desse ponto de vista, o livro é uma espécie de *Ashkdan*, essa esguia garrafa de vidro persa, cuja tradição afirma se destinava a coletar as tristezas das esposas separadas dos seus maridos. Ao bocal largo moldado em forma de lágrima sucede-se um longo gargalo semelhante ao pescoço de um cisne, que, por sua vez, desemboca num bojo redondo, que as armazenaria. Neste livro as recolhemos também, vindas de todos os tempos e dos olhos mais diversos.

Talvez as lágrimas não tenham ainda despertado o interesse que merecem por serem tão banais e simples, aparentemente óbvias na vida humana de todos os tempos. O ser humano não costuma questionar o óbvio, mas é a partir dele que se chega aos patamares mais esclarecedores da significação. Barthes, em «O terceiro sentido», opõe ao sentido óbvio (que aparece em primeiro lugar, que se impõe desde logo à percepção) o que ele designa por «sentido obtuso», que abre totalmente o campo do sentido e lhe inscreve uma certa força de desordem, com carga emotiva. Trata-se de um sentido que depende de um certo modo de ler, e daí a sua natureza mais instável ou descontínua, captado como um «acento» ou uma «prega» que marca «a pesada toalha das informações e significações». É esse sentido menos evidente das lágrimas que aqui se interroga e se tenta perceber, pois as lágrimas, de facto, propõem uma tal diversidade hermenêutica, que já um anónimo pregador do século XII alertou, num sermão, para a ambiguidade intrínseca dessa manifestação. É que as lágrimas concentram em si várias origens e camadas de significados, quantas vezes sobrepostas e misturadas, que dificultam a percepção das suas fibras de sentido.

Atribui-se ao pintor flamengo Rogier van der Weyden um papel inovador na representação de emoções em pintura, como a tristeza, a alegria, etc. Entre elas situa-se a progressão da lágrima a escorrer pela face abaixo, como as da Virgem abraçada aos pés da cruz na *Crucifixão* (c. 1445) ou as de Maria de Cléofas na *Deposição da Cruz* (1435). A pérola brilhante trazia uma emoção forte ao então repertório das fórmulas expressivas, pois a escola flamenga valorizava o brilho pictural associado ao sentimento. E tal ênfase na lágrima terá tido certamente repercussões no modo como a literatura desta época, sobretudo a novela sentimental, passou a valorizar o choro e as lágrimas. «Porque sempre eu choro ou estou para chorar», confidenciava a Menina e Moça de Bernardim Ribeiro à Dona do Tempo Antigo, no preâmbulo da obra, após lhe ter contado a tristeza que acabara de sentir face à morte de um rouxinol, explicando a origem mista do seu pranto: «Ainda que por a desventura daquela avezinha fossem causadas minhas lágrimas, lá ao sair delas foram juntas outras muitas lembranças tristes».

«Só as mulheres são tristes», opinará assertivamente a Dona, no diálogo que, de seguida, entabula com a Menina. Esta associação das lágrimas à tristeza e às mulheres tem raízes fundas e diversas. Segundo o pseudo santo Alberto Magno, as mulheres chorariam mais do que os homens, em virtude da humidade própria do seu corpo, que experimentaria necessidade de a expulsar. Muitas outras explicações se criaram ao longo da História, que fixou um paradigma de lágrimas femininas associando-as normalmente a um contexto de dor (em geral, a viuvez), acompanhadas por vezes de signos audíveis, como suspiros, soluços, gemidos, gritos, etc. Mas nem sempre assim acontece. É que as lágrimas femininas que a arte registou não são as que, natural e quase invisivelmente, lubrificam o olho, nem as resultantes das reações dos terminais nervosos da córnea, pela exposição a estímulos estranhos. Não são essas as que aqui interessam, mas as lágrimas emocionais, que detêm a atenção de quem as vê. As lágrimas emocionais possuem um nível de proteína mais alto do que as lágrimas basais e reflexas, o que as torna mais espessas e explica a razão pela qual escorrem mais lentamente pelo rosto, em gotas mais grossas e brilhantes. «Il ne se donne point de visible sans lumière. Il ne se donne point de visible sans moyen transparent», escreveu o pintor Nicolas Poussin a Fréart de Chambray. No fundo, só as lágrimas emocionais se registam, só delas se fala. Elas são, por isso, *et pour cause*, o denominador comum de todas as reflexões aqui vertidas, logo desde a capa do livro, que apresenta espessas lágrimas rolando pela face de Maria Madalena, numa pintura de Colijn de Coter, *The Mourning Mary Magdalen* (c. 1504). Delas se pode dizer o mesmo que uma antiga descrição registou a propósito da *Deposição da Cruz*, de Van der Weyden: «Dignity is preserved amidst a flow of tears»². Tratando-se da pecadora, o olhar liquefeito pelas lágrimas traduz nesta pintura uma dignidade mesclada de muitos outros sentidos, da dor ao arrependimento, da confiança à contrição, da nostalgia à serenidade, desafiando interpretações e revelando talvez uma das expressões artísticas mais complexas e sedutoras de um rosto feminino em lágrimas. Oxalá a sedução que esta imagem sempre exerceu sobre mim possa transformar-se em signo ou mote de leitura para as duzentas e trinta e sete páginas que se seguem.

² Apud BARASCH, Moshe (1987). *The Crying Face*. «Artibus et Historiae». 8:15, 22.

